

Projetos de formação para normalistas catarinenses nas décadas de 1930 e 1940¹

Resumo

O artigo aborda propostas de formação docente levadas a efeito, nas décadas de 1930 e 1940, por duas instituições educacionais existentes no município de Florianópolis, em Santa Catarina/Brasil: O Colégio Coração de Jesus e o Instituto de Educação de Florianópolis. O principal objetivo foi analisar aspectos da formação docente oferecida pelas duas instituições, relacionados ao projeto de formação de cada uma e aos seus princípios norteadores. Para isso, são retomadas pesquisas anteriores sobre a temática e analisados textos publicados em dois periódicos educacionais: a revista *Pétalas*, do Colégio Coração de Jesus, e a revista *Estudos Educacionais*, do Instituto de Educação de Florianópolis. Se no Colégio Coração de Jesus a questão em torno dos conteúdos necessários à formação de professoras parecia secundária em relação à formação na moral católica, no Instituto de Educação de Florianópolis a ênfase recaía justamente na discussão sobre a importância das chamadas Ciências Fontes da Educação, na qual a formação científica sólida forneceria os instrumentos necessários para a intervenção dos professores na realidade social.

Palavras-chave: formação de professores; escola normal; imprensa educacional; Revista *Pétalas*; Revista *Estudos Educacionais*.

Leziany Silveira Daniel

Universidade Federal do Paraná –
UFPR – Curitiba/PR – Brasil
leziany@hotmail.com

Elaine Aparecida Teixeira Pereira

Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC – Florianópolis/SC –
Brasil
elaine.tp@gmail.com

Maria das Dores Daros

Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC – Florianópolis/SC –
Brasil
m.daros@ufsc.br

Para citar este artigo:

DANIEL, Leziany Silveira; PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira; DAROS, Maria das Dores. Projetos de formação para normalistas catarinenses nas décadas de 1930 e 1940. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 87-111, set./dez. 2022.

DOI: 10.5965/1984723823532022087

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723823532022087>

¹ Uma versão preliminar das análises aqui apresentadas foi socializada no VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em Uberlândia/Brasil, no ano de 2006.

Training projects for Santa Catarina's elementary school teachers in the 1930's and 1940's

Abstract

The article addresses proposals of teacher education carried out in the 1930's and 1940's by two educational institutions in the city of Florianópolis, Santa Catarina/Brazil: Colégio Coração de Jesus and Instituto de Educação de Florianópolis. The main objective was to analyze aspects of the teacher education process offered by the two institutions, related to each other's education project and their guiding principles. For this purpose, the authors reviewed previous research on the matter and analyzed texts published by two educational journals: the Pétalas magazine, issued by the Colégio Coração de Jesus, and the Estudos Educacionais magazine, written by the Instituto de Educação de Florianópolis. Whereas in the Colégio Coração de Jesus the issue regarding the required contents for the formation of teachers seemed secondary in relation to the Catholic moral formation, the Instituto de Educação de Florianópolis' emphasis was precisely on the discussion about the importance of the so-called Sources of a Science of Education, in which a solid scientific formation would provide the necessary instruments for the teachers' intervention in the social reality.

Keywords: teacher training; elementary school teaching; educational press; Pétalas Magazine; Estudos Educacionais Magazine.

Proyectos de formación para normalistas catarinenses en los años 30 y 40

Resumen

El artículo aborda las propuestas de formación de profesores llevadas a cabo en las décadas de 1930 y 1940 por dos instituciones educativas del municipio de Florianópolis, en Santa Catarina/Brasil: el Colégio Coração de Jesus y el Instituto de Educação de Florianópolis. El objetivo principal era analizar aspectos de la formación del profesorado ofrecida por las dos instituciones, relacionados con el proyecto formativo de cada una y sus principios rectores. Para ello, se retoman las investigaciones anteriores sobre el tema y se analizan los textos publicados en dos revistas educativas: la revista Pétalas, del Colegio Coração de Jesus, y la revista Estudos Educacionais, del Instituto de Educação de Florianópolis. Si en el Colégio Coração de Jesus la cuestión en torno a los contenidos necesarios para la formación de las maestras parecía secundaria en relación con la formación en la moral católica, en el Instituto de Educação de Florianópolis el énfasis recayó precisamente en la discusión sobre la importancia de las llamadas Ciencias de la Educación, en las que una sólida formación científica proporcionaría los instrumentos necesarios para la intervención de los maestros en la realidad social.

Palabras-clave: formación de profesores; escuela normal; prensa educativa; la revista Pétalas; la revista Estudos Educacionais.

Introdução

O presente trabalho analisa propostas de formação de professoras e professores forjadas por duas instituições educacionais existentes nas décadas de 30 e 40 do século XX no município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina/Brasil: O Colégio Coração de Jesus e o Instituto de Educação de Florianópolis. O principal objetivo foi analisar aspectos da formação docente oferecida pelas duas instituições, relacionados ao projeto de formação de cada uma e seus princípios norteadores, especialmente por meio da retomada de pesquisas anteriores sobre a temática e pela análise de textos publicados em dois periódicos educacionais: a revista *Pétalas*, do Colégio Coração de Jesus, e a revista *Estudos Educacionais*, do Instituto de Educação de Florianópolis.

No ano letivo de 1935, quando houve a reforma de instrução pública, que é convencionalmente denominada como Reforma Trindade (decreto n. 713, de 5 de janeiro de 1935), existiam no estado duas Escolas Normais oficiais que, com o decreto, foram transformadas em Instituto de Educação, uma em Florianópolis e outra em Lages; além de quatro escolas particulares equiparadas às oficiais, uma em Florianópolis, anexa ao Colégio Coração de Jesus; outra anexa ao Colégio Santos Anjos, em Porto União; a terceira, anexa ao Colégio Aurora, em Caçador; e a quarta, anexa ao Colégio Coração de Jesus, em Canoinhas (SANTA CATARINA, 1936).

Antes de ser transformado em Instituto de Educação de Florianópolis, esse se configurava como Escola Normal Catarinense, criada em 10 de junho de 1892, pelo Decreto n. 155, no Governo do Tenente Manoel Joaquim Machado. A Escola Normal funcionava nas dependências do Liceu, mas mudou-se, em 1926, durante o Governo de Hercílio Luz, para um edifício na Saldanha Marinho, em Florianópolis. Em 1935, após a reforma, a Escola Normal Catarinense passou a ser denominada Instituto de Educação de Florianópolis. Em 1947, passou a se chamar Instituto de Educação e, em 1956, Colégio Estadual Dias Velho. Em 1964, mudou para Instituto de Educação (DAROS; VOLPATO, 1997).

O Colégio Coração de Jesus, por sua vez, foi fundado em janeiro de 1898 pelas Irmãs da Congregação da Divina Providência, vindas da Alemanha. Segundo Leal e Cunha (1991), o Colégio mantinha três regimes de atendimento: o externato, “para alunas que

assistiam às aulas dos vários cursos existentes num período apenas [...] o semi-externato, para alunas que permaneciam ‘no Colégio das 8 até às 16 horas’, [...] e o internato.” Primava pela educação moral, ensinando modos de ser e se relacionar, ancorados na ordem, limpeza, disciplina e vigilância constante. A educação para o dever e as práticas disciplinares marcavam o cotidiano da instituição. Os trabalhos manuais recebiam destaque e tinham por objetivo tanto a formação do ‘bom gosto’ quanto “a conformação das alunas ao modelo de mulher virtuosa: aquela que sabe dar um destino útil e honesto a todos os instantes de sua vida, que não desperdiça seu tempo com futilidades” (LEAL; CUNHA, 1991, p. 52). O Curso Normal dessa instituição foi equiparado à Escola Normal Catarinense em 1º de setembro 1919, pela lei n. 1253 (COELHO JÚNIOR, 2013).

Dada a existência e o funcionamento concomitante dessas duas instituições de formação docente em Florianópolis (uma privada e católica e a outra pública e laica), algumas questões pareceram relevantes: Qual o projeto de formação de professores pensado por essas instituições? Quais os princípios norteadores da formação docente oferecida? Nessa perspectiva, o presente artigo procurou perceber aproximações e distanciamentos quanto aos projetos de formação de professores gestados no interior das duas instituições, privilegiando, para isso, a análise de artigos publicados na revista *Pétalas* e na revista *Estudos Educacionais*. A *Pétalas* foi criada em 1933 e dela estão sendo usados seis exemplares, publicados entre 1933 e 1939, localizados no acervo do Colégio Coração de Jesus. A *Estudos Educacionais* contou com um total de seis números, editados entre os anos de 1941 e 1946, todos compilados pela pesquisa.

Recorremos, assim, à imprensa pedagógica como fonte (CATANI; BASTOS, 1997; CATANI, 1996; DE LUCA, 2011), sendo possível, através dela, evidenciar a Educação como campo de disputa, uma vez que constitui como palco para diversas vozes, como intelectuais, professores, imprensa e grupos políticos da época (CATANI; BASTOS, 1997). Isso porque o estudo de determinados periódicos educacionais explicita “modos de construir e divulgar o discurso legítimo sobre as questões de ensino e o conjunto de prescrições ou recomendações sobre formas ideais de realizar o trabalho docente” (CATANI, 1996, p. 118).

Em conformidade com o exposto, o presente texto, além da Introdução, trata brevemente de políticas para a formação docente no período de recorte, para então

apresentar elementos referentes às duas instituições escolhidas como foco de análise especialmente pelo uso das duas revistas anteriormente citadas. Por fim, são apresentadas algumas considerações finais.

1. Políticas para a formação de professoras e professores em Santa Catarina

Entender os discursos e concepções de formação das duas instituições aqui tratadas requer um exercício de entendimento da própria realidade em que estavam inseridas, que influencia no consubstanciamento de um determinado direcionamento educacional. Em especial, no período analisado, décadas de 1930 e 1940, destaca-se a vigência do regime autoritário do Estado Novo (especificamente a partir de 1937) que, sob o governo de Getúlio Vargas, tinha como principal preocupação a constituição da nacionalidade brasileira, a consolidação de uma determinada “identidade nacional”. Aliado ao projeto nacional desenvolvido, o governo do Interventor Federal em Santa Catarina, Nereu Ramos (1937-1945), dedicou-se acirradamente no processo de homogeneização da população catarinense, que apresentava um contingente significativo de imigrantes (principalmente alemães e italianos), com línguas, hábitos e costumes distintos. Nesse projeto ambicioso de nacionalização caberia à escola, então, socializar os catarinenses num novo ideário de organização social, investindo o governo:

no projeto de modernização e nacionalização do sistema escolar catarinense, principalmente, a partir de 1938, quando concretizaram-se medidas como a proibição do uso da língua estrangeira nos estabelecimentos escolares e a criação da Superintendência Geral das Escolas Particulares e Nacionalização do ensino. Um discurso pronunciado por Vargas durante visita oficial à capital catarinense em 1940 evidenciou que as questões relacionadas à educação, aos olhos do governo, não se desvinculavam de preocupações com a construção da nacionalidade e preparação de catarinenses para atender exigências do processo produtivo. A grande campanha de nacionalização do ensino foi referenciada como ação do poder público de importância singular para a constituição do sentimento de brasilidade e consolidação de noções de trabalho nos indivíduos. (CAMPOS, 1999, p. 153)

Os professores, assim, assumiriam a função estratégica na implementação das políticas governamentais. Para tanto, especial atenção passou a ser dada à sua formação. Importante ressaltar que, desde o início do século XX, as reformas educacionais e

reformulações curriculares marcaram presença como parte de uma política mais ampla de definição de diretrizes para a nação, de acordo com o objetivo de constituição de uma identidade nacional forte. De modo coerente, os direcionamentos para a formação docente refletiam essa busca por unidade. Além do entendimento sobre a formação de professores se constituir em campo estratégico, há que ser lembrado também outro aspecto para a discussão aqui estabelecida: a defesa de que tal formação deveria estar embasada em conhecimentos racionais e científicos, a fim de superar práticas tidas como amadoras e espontaneístas.

Uma das reformas educacionais a ser citada, dentre as implementadas em Santa Catarina, é a de 1911, coordenada pelo paulista Orestes Guimarães (TEIVE, 2003). Outras reformulações curriculares diretamente relacionadas à formação docente foram sistematizadas por Daros e Daniel (2008), como por exemplo, do Regulamento das escolas complementares, de 1919, do Decreto n. 2.218, de 24 de outubro de 1928, do Decreto-Lei n. 306, de 2 de março de 1939, entre outros (DAROS; DANIEL, 2008, p. 259-260). Reformas nos cursos de formação de professores ocorridas em outros lugares do país exerceram algum tipo de influência naquelas implementadas em Santa Catarina. É o caso de São Paulo e Rio de Janeiro e das reformulações implementadas pelos chamados intelectuais-educadores, como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho (MICELLI, 1979).

Em 1927, Fernando de Azevedo tornou-se Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. No ano seguinte, reformou a Escola Normal do Rio de Janeiro introduzindo, pela primeira vez no curso de formação de professores do país, a cadeira de Sociologia. Além da cadeira de Sociologia, estavam presentes as disciplinas de Psicologia Experimental Aplicada à Educação, a Higiene e a Puericultura. Sob o decreto n. 3281, de 23 de janeiro de 1928, a Escola Normal passou a ter a seguinte estrutura: Curso Complementar – 2 anos; e Curso Normal – 5 anos.

No ano de 1931, Lourenço Filho, Diretor Geral do Ensino em São Paulo, realizou uma reforma também na Escola Normal. A partir do decreto n. 4.888, de 12 de fevereiro, Lourenço Filho transformou a Escola Normal da Praça da República em Instituto Pedagógico de São Paulo, compondo-o da seguinte forma: Primário; Escola de Aplicação; Curso Complementar; Curso Normal; e Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico. A criação do Instituto Pedagógico traduziu, nesse momento, a concretização das principais

preocupações de Lourenço Filho quanto à formação de professores. Com a criação do Instituto, buscou-se aproximar da “idéia de uma Escola Normal Superior”, com a instituição do Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico, sendo considerado o primeiro curso para professores em nível pós-médio (EVANGELISTA, 2002). O sucesso na reformulação dos cursos de formação dos professores estava diretamente vinculado a uma maior preocupação com sua formação técnica, no qual as ciências sociais forneceriam os “conhecimentos a respeito da sociedade e, também sobre o homem enquanto ser individual, especialmente quanto aos mecanismos de aprendizagem” (CUNHA, 1995, p. 36).

Destaca-se, assim, a reforma no ensino catarinense realizada em 1935, chamada Reforma Trindade (Decreto n. 713, de 5 de janeiro), feita por Luiz Sanches Bezerra da Trindade, então Diretor da Instrução Pública do Estado. Nessa reforma, as Escolas Normais foram transformadas em Instituto de Educação, com o privilégio das chamadas “Ciências Fontes da Educação” nos currículos (Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Biologia, História e Filosofia). O Instituto de Educação comportava a seguinte estrutura: Jardim de infância; Escola Isolada; Grupo Escolar; Escola Normal Primária (3 anos); Escola Normal Secundária (3 anos) – preparava os que saíam da Escola Normal Primária e que pretendiam se dedicar ao magistério. Segundo o artigo 16 do decreto, a Escola Normal Superior Vocacional (2 anos) habilitava para o magistério nos grupos escolares e na Escola Normal Primária.

A principal influência da reforma empreendida em São Paulo encontrava-se na Escola Normal Superior Vocacional de Santa Catarina. Como em São Paulo, no curso de Aperfeiçoamento Pedagógico deu-se privilégio “às matérias consideradas pedagógicas como Higiene e Puericultura, Psicologia e Sociologia” (DAROS; VOLPATO, 1997). A preocupação em qualificar o professorado e instruí-lo com conhecimentos pedagógicos provenientes dos principais campos científicos da área educacional caracterizou um processo também de profissionalização docente, na tentativa de extinguir o amadorismo e constituir um corpo docente especializado. Destaca o governo que o

ponto de partida dessa reforma foi o saneamento progressivo do corporativismo magisterial, substituídos os professores políticos por elementos formados, especializados, novos, com capacidade de trabalho, produtividade medida de instante a instante, e, sobretudo, cômnicos da responsabilidade que se lhes outorgaram. Bem remunerados 3.098 professores exerciam atividade, em 1941, nos 2.256 estabelecimentos de escolares existentes no Estado, reunindo-se, de onde em onde, em cursos de especialização, como em conclaves, para a exposição de teses permanentes à técnica da Pedagogia. (RAMOS, 1942, p. 1)

No interior dessas profundas mudanças na educação e de sua configuração enquanto ciência em Santa Catarina, as reformas educacionais empreendidas nos cursos de formação de professores nas primeiras décadas do século XX – bem como as ideias e concepções gestadas e difundidas sobre os fundamentos necessários para a formação e atuação dos profissionais da educação –, refletiram um movimento de constituição do próprio campo científico educacional em sintonia com as principais preocupações e discussões nacionais quanto a essa temática. É levando em consideração esse contexto que as propostas de formação docente do Colégio Coração de Jesus e do Instituto de Educação de Florianópolis são tratadas no presente artigo.

2. Sobre o Colégio Coração de Jesus

Em trabalho no qual analisa quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus, datados entre 1922 e 1929, Coelho Júnior (2013, p. 21) indica a década de 1920 como “fase de consolidação” da instituição, o que pode ser ilustrado pela formatura de sua primeira turma de normalistas, em 1921, e “pela equiparação de seus Cursos à Escola Normal Catarinense conquistada pela aprovação da Lei nº 1253 de 1º de setembro de 1919 a que se refere o Decreto nº 1.340, de 20 de fevereiro”. Constata, nos quadros analisados, a busca pela representação da instituição como lugar “eficaz no trabalho de formação da normalista e da mulher casta, pura, inocente, segundo os padrões de pudor estabelecidos na sociedade da época” (COELHO JÚNIOR, 2013, p. 59).

Cunha (2003, p. 205) indica que o Colégio Coração de Jesus tinha como função principal a formação da “mulher de bem”, mediante os princípios da moral católica, pois ser aluna do Colégio “representava um meio tradicional de preparo dessas moças para assumirem as funções de esposa, dona de casa e mãe que lhes estavam reservadas e, no

limite, exercerem o magistério como sacerdócio e como uma forma de maternagem simbólica”. Uma das iniciativas no sentido de qualificar a formação docente oferecida pelo Colégio foi a criação da revista *Pétalas*, em 1933, como um periódico semestral de suas alunas, sob a responsabilidade da Irmã Diretora. Nas análises realizadas, e em pesquisas anteriores (DAROS; PEREIRA, 2002; 2015), foi possível constatar o perfil religioso e pedagógico da publicação.

Na revista *Pétalas* estão publicadas imagens do colégio e da vida escolar; crônicas sobre assuntos diversos, como aspectos do cotidiano na instituição; assuntos/ensinamentos religiosos; poesias; correspondências entre alunas; discursos de formatura; resultados de concursos; noticiário sobre a vida social (noivados, núpcias, falecimentos e/ou nascimentos); relação de alunas que tiveram distinção em provas escolares e quesitos considerados relevantes (como comportamento e aplicação); ordem de classificação de desempenho das estudantes de cada turma, com indicação de seus nomes; relatos de viagens e excursões. Sobre tais relatos, pode ser indicado, a título de exemplo, o texto “Recordações de uma viagem”, escrito por Cacilda Oliveira, que narra a viagem de algumas normalistas e irmãs professoras a Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O texto registra vários acontecimentos da viagem realizada, como a visita à exposição farroupilha e a participação na Concentração da Juventude Católica (OLIVEIRA, 1935, p. 27-29).

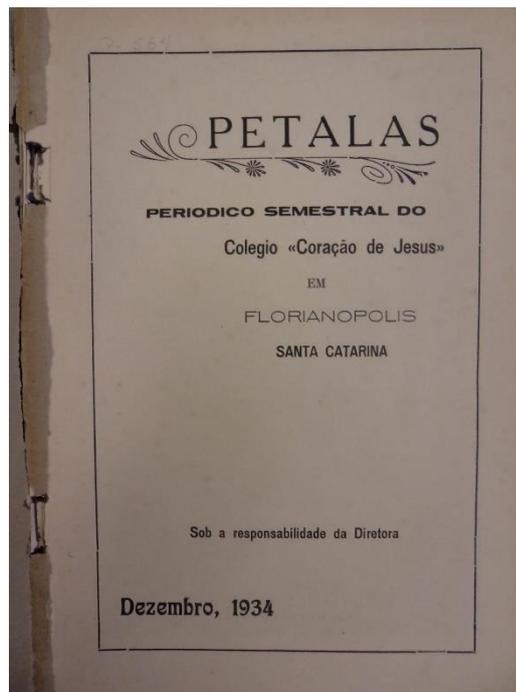
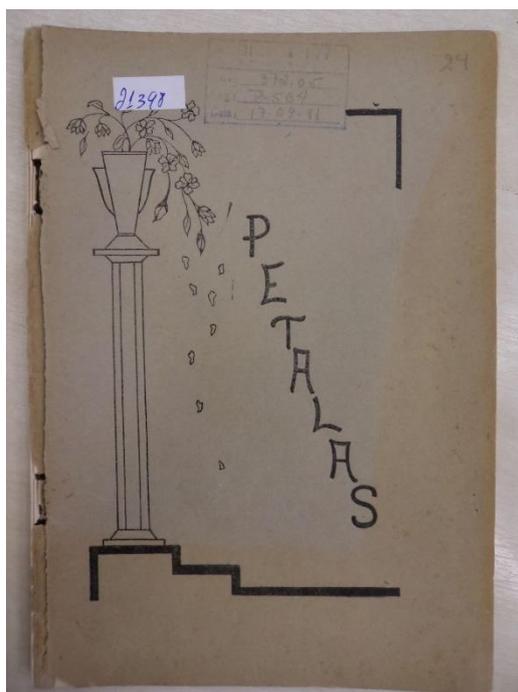
Conforme indicado, menções a passeios e excursões realizadas pelas normalistas com supervisão e acompanhamento docente podem ser encontradas nas páginas da revista *Pétalas*. A consulta a outros documentos do período indica que se trata de uma prática estimulada à época, além de uma apropriação não distante do que preconizava o movimento da Escola Nova. No caso do Colégio Coração de Jesus, é possível constatar o direcionamento de depurar a nova pedagogia do que se colocasse contrário à moral cristã, algo similar ao que se percebe na apropriação dos conhecimentos científicos, particularmente a Sociologia presente no Curso Normal, que era apresentada numa versão cristã e católica (DAROS; PEREIRA, 2015).

Além das excursões, podem ser citadas outras temáticas e artigos, encontrados nas páginas da revista, como os referentes à atividade docente: “Professora - Das provas de exame realizadas em novembro” (de Lucy Nobrega, em *Pétalas*, dez. 1934);

“Professora” (de Helena Ana de Souza, na edição dez. 1935); “Meu primeiro dia letivo. Prevendo...” (Dulce Fernandes, jun. 1939), “A mulher que educa um filho, educa um homem, mas a que educa uma filha, educa uma família” (por Maria Carolina G. Kehrig, em dez. 1939). Ou os que indicam práticas de avaliação classificatória e de atribuição de distinção a algumas estudantes: “Concurso no Internato”, com avaliação dos quesitos “delicadeza”, “ordem”, “observância do regulamento”, “esporte” (publicado em *Pétalas*, dez. 1938); “Honra ao mérito” (localizado na edição de jun. 1939).

A *Pétalas* tinha por objetivo, de acordo com a Irmã Bernwarda, diretora, “depor uma pétala de alegria nos corações de minhas alunas e ex-alunas” para que “prossigam no trilha sacrossanto do cumprimento do dever [...] para desempenhar fielmente o papel proeminente da mulher cristã e educadora” (*Pétalas*, 1933 apud CUNHA, 2002, p. 72). Em algumas edições da revista, a própria capa apresenta a imagem de pétalas caindo de flores dispostas num vaso. É o caso das edições de julho de 1933 e de dezembro de 1934, por exemplo. A reprodução da capa e da folha de rosto desta última apresentada a seguir:

Figuras 1 e 2: Capa e folha de rosto da revista *Pétalas*, dez. 1934



Acervo: Colégio Coração de Jesus.

Algumas referências ao nome do periódico são feitas na edição de julho de 1933. *Pétalas*, que se refere a “flores desfeitas”, é classificada como uma palavra “tão humilde e que sabe dizer tanto” (PÉTALAS, 1933, p. 3). Assim, ao folhear a revista, poderiam ser encontradas “petalas de rosas – meigos acentos de carinho mutuo; petalas de jasmims – suave perfume de modestos ensaios literarios; petalas de diversas especies e matizes” (PÉTALAS, 1933, p. 3). Páginas depois, Irmã Bernwarda, ao “ultimar o primeiro numero de ‘Petalas’”, tece considerações sobre o magistério, missão ao mesmo tempo “sublime” e “espinhosa”, colocando-se de forma acolhedora nas linhas que parecem dedicadas às normalistas e às egressas da instituição, encorajando-as a serem “prodigas em espargir pétalas de pura alegria por onde vos conduzir a Divina Providencia” (BERNWARDA, 1933, p. 7-8).

Numa edição seguinte, a Irmã diretora inicia seu pronunciamento saudando as alunas pelo final do ano letivo e início das férias, dizendo que as férias seriam necessárias para que elas pudessem deter-se alguns momentos de suas atarefadas vidas na contemplação do “doce quadro de Belém”, bem como “descansar ao pé do presépio do Divino Infante, escutando Sua Linguagem muda e tão eloquente” (BERNWARDA, 1934, p. 5). Logo após, ela dirige-se às ex-alunas que, segundo intui, “já sentis comigo o peso das responsabilidades, quer no magistério como responsável de uma classe quer como anjo ou rainha do próprio lar”, convidando-as a enviar notícias: “trabalhos vossos, algo sobre vossa atividade, vosso progresso no estudo, vossas leituras, catequeses, impressões e descrições de viagens, experiências na vida escolar, na educação dos filhinhos, etc” (BERNWARDA, 1934, p. 5).

Além da ênfase religiosa, a relação entre o *ser professora* e o *ser mãe* parece ficar registrada na parte destacada. A figura feminina aparece como central tanto no magistério quanto no lar, sendo grande a responsabilidade da mulher em ambos os espaços. Ao empregar a expressão “educação dos filhinhos”, a diretora parece fazê-lo tanto para designar os filhos e filhas legítimos quanto os alunos e alunas, no caso do exercício da docência. Em relação às aproximações entre a maternidade e a docência, pode ser apresentado o discurso da aluna Lucy Nobrega, que relata seu entendimento sobre o que é ser professora em artigo publicado na *Pétalas*:

PROFESSORA

Das provas de exame realizado em novembro.

Professora - vocabulo despretencioso e modesto, que encerra, no entanto, um mundo de abnegações e sacrificios!...

Somente o nome de mãe lhe é superior pela grandeza que nêle se oculta. Si esta desvenda ao filho amado todas as maravilhas que seu coração, relicário sublime do amor e dos desvelos, encerra, aquela, não com menos carinho, apresenta ás almas infantis, sedentas de cousas ignotas, as peregrinas belezas deste Brasil, que tem o coração aberto para o amor dos filhos seus, pois que toda esta imensa terra de Santa Cruz se engloba na fórmula de um imenso, de um vasto coração...

Si a mãe ensina aos filhos a sublimidade do amor, a mestra transmite aos alunos a força da ciencia, fórmula a primeira a alma da criança, cria a segunda o cérebro infantil; o amor cria os povos, a ciencia os eterniza.

Os heroismos de u'a mãe são as mais das vezes conhecidos e proclamados; na penumbra quase sempre ficam os espinhos ponteagudos da dura carreira do magistério; ocultos permanecem eles sob rosas, as belas rosas dos sacrificios ignorados...

Si nossa mãe é digna de toda nossa afeição, de todo o nosso amor, é justo tributemos áquelas, ás nossas mestras tão abnegadas, a gratidão viva e sincera de nossos corações. (NOBREGA, 1934, p. 6)

No texto, a representação do papel de uma professora aparece relacionado à maternidade. O mundo de sacrifícios é caracterizado como uma constante na docência, função aparentemente modesta, mas de grandeza oculta a ser retirada da penumbra. Por outro lado, são demarcados pontos específicos em ambas as funções, relacionados às instituições sociais às quais se referem: à mãe, no interior da família, cabe ensinar a “sublimidade do amor”, bem como formar “a alma da criança”; à mestra, por sua vez, é imputada a tarefa de criar o “cérebro infantil” e transmitir aos seus alunos “a força da ciência”. Apesar disso, heroísmo, sacrifício e abnegação são expressões que remetem tanto à mulher professora quanto à mulher mãe, segundo o que registra a aluna.

O argumento que reforçava o magistério como missão ou sacerdócio foi evidenciado em outras falas, como a da professora Antonieta de Barros, quando, em discurso de formatura, diz às normalistas que o “diploma que acabais de receber, abre-vos as portas para o sacerdócio mais delicado e mais belo”, sendo admirável o “vosso trabalho de Missionárias da Educação, substituindo e ajudando as outras mães, no plasmar e burilar anímico dos pequeninos” (BARROS, 1939, p. 27). Possivelmente, o termo “outras mães” referia-se à premissa de que as professoras também eram mães de seus filhos/alunos. A citada professora trata, ainda, de aspectos relacionados ao civismo,

um dos pilares então defendidos pelo Estado no que se referia à educação escolar. Afirma ela que o “catecismo cívico não é o que se decora, mas o que se pratica”, e que não conseguia imaginar uma outra maneira de

demonstrar civismo, [...] de manifestação maior de amor a um país, nem de mais perfeita integração numa pátria, do que a de tomar-se de cuidados pelo seu futuro, preparando-lhes os filhos e dando-lhes a graça do saber e da bondade, numa educação completa, onde se burilam todas as facetas, com a arte e o zelo de quem não trabalha pelo envelo próprio. (BARROS, 1939, p. 27)

É possível perceber que a educação, voltada à formação do cidadão do novo Brasil e tão reforçada pelas autoridades governamentais, foi também defendida pela professora Antonieta de Barros no citado discurso, estando a tarefa docente entre as mais sublimes e intensas manifestações de civismo.

As alunas do Colégio, igualmente, deixavam registradas nas páginas da revista suas representações sobre a função docente. Alice Machado Faria, por exemplo, qualifica como “lindo e sublime” o ideal que a esperava (a ela e a suas colegas): o de serem “EDUCADORAS E CONSTRUTORAS DE ALMAS” (FARIA, 1938, p. 59). Em relação à mesma questão, ao escrever sobre suas vivências escolares no ano de 1935 em um exame de Português, a aluna Anita Pisani havia afirmado que sentiria saudades do Colégio quando distante dele estivesse, “labutando na missão sublime de professoras, na heroica missão de moldar o caráter da humanidade em flor” (PISANI, 1935, p. 6). O caminho do magistério aparece representado como extremamente importante, ainda que repleto de obstáculos e sacrifícios, tendo a mulher como figura principal desse processo. Ela seria a “grande pedagoga, a educadora, por excelência” devendo ser educada desde pequena para desenvolver tais funções (KEHRIG, 1939, p. 6). Assim, “educando-se a menina, deve-se desenvolver a capacidade para ser uma verdadeira mãe, isto é, a educadora de seus filhos” (KEHRIG, 1939, p. 6).

Essas últimas falas são de Maria Carolina G. Kehrig. O texto consiste numa interpretação de uma frase atribuída à Xavier de Maistre: “A mulher que educa um filho, educa um homem mas a que educa uma filha, educa uma família”. O que aparece de mais evidente no texto de Maria Carolina é a naturalização da função de educar como

imane a os sujeitos do gênero feminino, pois, segundo o argumento, “o menino, por natureza, gosta de jogos violentos, de governar, de mandar, de ter súditos”, enquanto “a menina, pelo contrário, é submissa e gosta dos brinquedos domésticos”, isso porque “o reino da mulher é o Lar” (KEHRIG, 1939, p. 5). A autora atribui a uma suposta natureza feminina o papel de ser mãe e educadora, bem como a atuação no espaço privado. A submissão e o sentimento materno, presentes desde o nascimento, seriam despertados durante a infância, nas brincadeiras ditas próprias para meninas. Ao homem ficaria reservado o espaço público, a vida em sociedade, a possibilidade de “ter súditos”, de “ser superior”, de assumir a chefia da família, e de, quando criança, brincar com “jogos violentos” a fim de fazer emergir suas tendências inatas.

Ocupando posição de destaque e responsabilidade na efetivação do projeto nacionalista do período, os professores e as professoras eram vistos como responsáveis por educar seus alunos e alunas de acordo com a política de nacionalização, bem como desenvolver o civismo e a integridade física e moral destes. No que se refere especificamente ao Colégio Coração de Jesus e seu Curso Normal, pode-se constatar que o discurso veiculado pela revista *Pétalas* apontava para a representação do ser professora de modo articulado ao ser mulher/mãe. Assim, as normalistas do Colégio Coração de Jesus, quando no “sacerdócio mais delicado e mais belo”, exerceriam uma posição de extrema relevância e responsabilidade na educação dos filhos da pátria brasileira, já que lhes esperaria “a mais sublime das missões”, pois, a mulher seria, “na fraqueza com que a reveste a tradição [...] a força máxima, dentro da vida porque educa.” (BARROS, 1939, p. 27).

Pode-se considerar que o Colégio Coração de Jesus coadunava as políticas direcionadas pelo Estado, contudo mantendo o princípio religioso como principal direcionador da sua educação. Segundo Cunha (2002, p. 85), “a educação dada na escola ‘mantém semelhanças com a educação tradicional feminina, que se apoiava no tripé: civilidade, moralidade, religião’”. Nas páginas da *Pétalas* aparece a preocupação com o cultivo das virtudes e dos bons hábitos, sendo estes os principais pilares da educação disseminados pela revista. Para tanto, aponta-se a ausência de artigos que discutam, por exemplo, conteúdos e disciplinas pedagógicas necessárias à formação docente, ao menos

nos exemplares localizados pela pesquisa. Esse aspecto diferencia-se da publicação do Instituto de Educação de Florianópolis, que será analisada a seguir.

3. Sobre o Instituto de Educação de Florianópolis

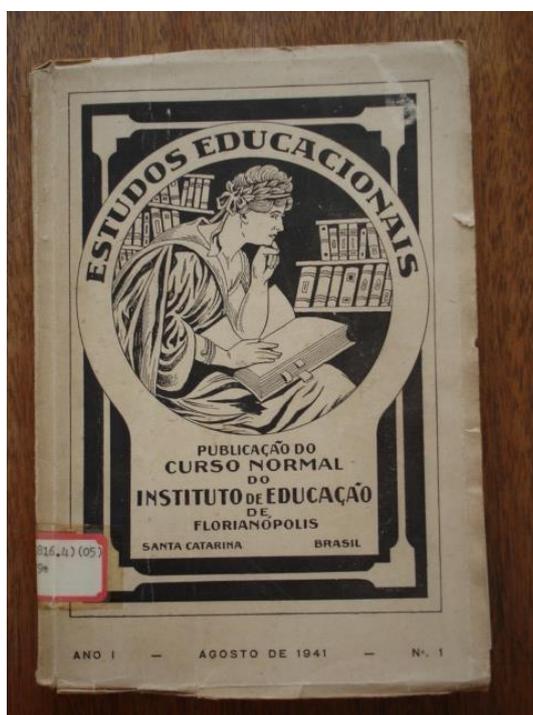
O Curso Normal do Instituto de Educação de Florianópolis, instituição pública, não confessional e estatal, não era destinado somente ao público feminino. Mediante o princípio da coeducação, conviviam no mesmo espaço de formação homens e mulheres. Esse é um primeiro e relevante aspecto para o entendimento da própria formação desenvolvida nessa instituição. Ao contrário do Curso Normal do Colégio Coração de Jesus, com o atendimento exclusivo ao público feminino e com diretrizes mais explícitas para a formação da mulher professora, no caso do Instituto de Educação de Florianópolis, esse direcionamento já se torna mais sutil, inserido num discurso mais amplo de formação do magistério. Nesse sentido, a revista *Estudos Educacionais* torna-se fonte privilegiada para a abordagem de alguns desses direcionamentos.

Entre os anos de 1941 e 1946 foram publicados os seis números dessa revista, de acordo com as pesquisas realizadas. Cinco desses números foram produzidos durante a permanência de João Roberto Moreira como diretor do Instituto de Educação de Florianópolis, de 1941 a 1943 (DANIEL, 2003; 2009). Durante seu primeiro ano como Diretor do Instituto, em 1941, João Roberto Moreira, a partir de apoio direto do governo catarinense viabilizou a criação da revista *Estudos Educacionais*.

Na primeira edição da revista (agosto de 1941), Moreira explicita na sua “Apresentação de Estudos Educacionais” o caráter desse periódico. Indica que a revista passou a ser publicada por sugestão do Secretário de Educação, Justiça e Saúde de Santa Catarina do período, Ivo d’Aquino, que, “interessado em dar ao nosso educandário não só melhores meios educacionais, como também maior expansão cultural, resolveu a realização desta revista, outra coisa não teve em mira que aproveitar um fator importante de ação pedagógica: o periodismo escolar, quando bem aproveitado” (APRESENTAÇÃO..., 1941, p. 5). Com caráter eminentemente enciclopédico, a capa da revista (Figura 3) procura passar a ideia da presença de um espírito erudito e científico adotados no interior do Curso Normal da instituição. Podemos enxergar a imagem de um

grego sentado, com semblante pensativo e um livro aberto, deitado em seu colo. Mais ao fundo da imagem pode-se também notar estantes com livros.

Figura 3: Capa da revista Estudos Educacionais, n. 1, 1943.



Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Ainda, de acordo com as palavras de Moreira, podemos entender que o “verdadeiro espírito de indução e trabalho que caracterizam os tempos atuais, fazendo que, por intermédio de ‘Estudos Educacionais’, nossos alunos se capacitem dos reais e mais importantes problemas da técnica pedagógica” (APRESENTAÇÃO..., 1941, p. 5). Estão publicados na revista textos produzidos pelos alunos do Curso Normal, a partir de aulas ministradas em cada disciplina, “manifestando o seu interesse por um determinado ponto ou questão”, artigos de intelectuais de projeção nacional e internacional, bem como resumos de aulas dos próprios professores. Cada professor, assim, “pela publicação, salienta uma de suas aulas e coloca-a sob os olhos do aluno, como ponto de referência para os estudos que fizer; ou, então, toma um problema prático, examina-o por escrito, e, dessa forma, faz com que seja tida sem vista, a aula dada sobre o assunto” (APRESENTAÇÃO..., 1941, p. 5).

Distinta do caráter da revista *Pétalas*, na revista *Estudos Educacionais*, na qual publicavam professores, alunos, políticos, bem como intelectuais de projeção nacional e internacional, como Fernando de Azevedo, Roger Bastide, Donald Pierson e Lourenço Filho, havia a discussão em torno dos fundamentos científicos necessários à formação de professores, bem como dos encaminhamentos políticos dados à educação no estado catarinense. Se no Colégio Coração de Jesus a questão em torno dos conteúdos necessários à formação docente era secundária em relação à formação com base na moral católica, pela análise da revista *Estudos Educacionais*, no Instituto de Educação de Florianópolis a ênfase justamente recaía na discussão da importância das chamadas Ciências Fontes da Educação, em que a formação científica sólida forneceria os instrumentos necessários para intervenção do professor na realidade, atendendo aos princípios de nacionalização do ensino. Nesse sentido, conhecer a criança, do ponto de vista científico, era uma preocupação fundamental (DANIEL, 2003).

Nos artigos publicados na revista, em várias passagens, ressalta-se a importância da formação pedagógica dos normalistas. Um discurso de formatura pronunciado por Moreira, em 1942, intitulado “Idealismo crítico de educação”, destaca que:

Além de tudo quanto já lhes disse, meus caros alunos, devemos não esquecer que, nos dias atuais, quando a sociedade é saudada em melhores países, por fenômenos de caráter violento, os quais nos fazem prever conseqüências profundas na organização social, a Pedagogia – técnica em que os senhores se iniciaram, tem de enveredar por novos sendeiros, já que, em épocas como esta, cabe à educação tarefa das mais importantes. [...] Em nosso curso, nas acolhedoras salas do Instituto de Educação, começamos por uma revisão tão profunda quanto possível dos métodos históricos, ao mesmo tempo que procurámos firmes e estáveis fundamentos científicos como auxiliares decisivos de uma nova educação. (MOREIRA, 1942, p. 8)

Não aparecem, pelo menos nos cinco primeiros números da revista, artigos que discutam, diretamente, a formação da mulher para o magistério. Esse discurso, na verdade, aparece no interior, como já salientado, do debate relativo à formação de professores, no qual é ressaltado o (necessário) compromisso docente com a questão da unidade nacional. Além disso, é comum a profissão ser qualificada como missão e vocação, o que não deixa de estar atrelado a um discurso religioso que enfoca um

“chamado” e o “compromisso” de alguns para desempenhar essa função. Pode-se considerar, contudo, que a preocupação expressa em grande parte dos artigos, como o conhecimento científico da criança, esteja relacionada com a forte presença feminina no magistério, em que a professora, para além de cuidar simplesmente da criança, seguindo seus instintos maternos, precisa, agora, de um conhecimento específico sobre ela. Pondera-se, nesse sentido, que conhecimento científico daria, assim, à normalista, o aval necessário para sua intervenção na realidade.

No artigo “Psicologia – A criança e o adulto – relações entre o estudo d’uma e d’outro”, a aluna Nilma Leal destaca que “a criança não é uma redução do adulto, nem um animal, mas sim um ser humano em evolução” (LEAL, 1942, p. 51), e mais, “a criança é precisamente a fonte, donde a espécie humana pode esperar, através do seu desenvolvimento, ver surgir novas correntes de moral, próprias às renovações culturais” (LEAL, 1942, p. 52).

Atrelada à discussão dos conhecimentos científicos necessários à formação e atuação do professor, a questão da civilidade e da missão do professor na nacionalização do ensino aparece de forma explícita nos textos. No seu discurso de formatura, publicado na revista *Estudos Educacionais*, n. 5, em dezembro de 1943, o orador e formando Otávio Munir Bacha ressalta que “sairemos das capitais e rumaremos às pequenas cidades do interior, às vilas, às povoações para dar aos ‘pequenos’ brasileiros o que aprendemos dos ‘grandes’ brasileiros: a educação” (BACHA, 1943, p. 68), com a missão de “orientar e ajudar a formação das novas gerações, fazendo-as cultivar a mesma língua, os nossos mesmos heróis, ter a mesma fé no presente e a mesma esperança no futuro, resumindo-se em ter em mente o Brasil” (BACHA, 1943, p. 68). E conclui: “E como o nosso lema, o lema do Instituto de Educação de Florianópolis, sairemos a ensinar: Pelo Brasil, sempre pelo Brasil” (BACHA, 1943, p. 69).

Mediante essas análises, pode-se indicar que, se no Colégio Coração de Jesus o tripé da formação era “civilidade, moralidade e religião” (CUNHA, 2002); no Instituto de Educação de Florianópolis, o tripé era “civilidade, moralidade e ciência”. Para registro, muitas outras alunas publicaram na revista. Destacam-se artigos como: “Metodologia do ensino da aritmética” (aluna Flávia Reinert - *Estudos Educacionais*, n. 1, ago. 1941), “Reações infantis às situações educacionais” (alunas Áurea Bauer e Eusa Reis - *Estudos*

Educacionais, n. 2, nov., 1941), “Porque a Pedagogia não é ciência” (aluna Maria da Glória Castro - *Estudos Educacionais*, n. 2, nov., 1941), “Relação entre o estudo da história e da educação” (aluna Nilma Leal - *Estudos Educacionais*, n. 3, nov., 1942), “A escola é uma instituição social” (aluna Daura Areão - *Estudos Educacionais*, n. 3, nov., 1942) e “Práticas de ensino” (aluna Adir Faísca - *Estudos Educacionais*, n. 4, jun., 1943).

De todos os artigos, somente um, o da professora Antonieta de Barros, publicado na revista de número 6, em 1946, intitulado “A mulher na sua mais elevada função social” explicita discussões em torno do papel da mulher no magistério. O conteúdo do artigo era derivado de uma palestra realizada por ela, no ano de 1943, no Colégio Coração de Jesus, instituição na qual tinha cursado a escola normal. Naquele momento, em 1946, quando da publicação do artigo, Antonieta era diretora do Instituto, publicando em sua gestão o último número da revista.

Nesse texto, Antonieta discute o papel da mulher na sociedade, destacando sua centralidade nas funções de mãe e mestra. Ela destaca que a mulher “é o alicerce da Humanidade”, vindo sua força de atuação da fé, pois “é a fé na sua missão, que lhes empresta coragem para agir, para realizar, para angariar, para enriquecer a sua admirável caminhada” (BARROS, 1946, p. 45). Argumenta, porém, que a mais importante missão da mulher é a maternidade, tarefa essa considerada “divina”. Contudo, para completar a sua função, a mãe também tem que ser educadora, mestra, já que para Antonieta educar “exige sacrifícios sem conta”, pois, “neste trabalho de formação moral, intelectual, física e indivíduo, vemo-la desdobrar-se, espiritualmente enlevada, no alto sonho da sociedade, uma parcela perfeita, fruto do seu esforço e da sua alma” (BARROS, 1946, p. 46).

Percebe-se, nesse sentido, um entendimento da função da mulher, mesmo que educadora, mestra, legitimada pelo aspecto religioso, no qual estão presentes a fé e o sacrifício. Ela salienta ainda que “formar o homem é a missão da Mulher”, e que “trabalhando o amanhã, na geração presente, à Mulher cabe a responsabilidade do futuro” (BARROS, 1946, p. 49). Segundo a autora, as mães e mestras têm as mesmas características, confundindo-se muitas vezes. Para ela,

A Mãe não merece este nome se não educa, se não ensina, se não edifica, se não constrói o futuro, isso, se não é Mestre. A Mestre não é Mãe, se não ama, se polariza sua missão, em transmitir conhecimentos, sem procurar o ponto vulnerável do coração do educando, sem a paixão pela arte. (BARROS, 1946, p. 47)

E conclui:

Aí está a nobre e deslumbrante missão social da Mulher: construir os mundos delicados do espírito, dar ao microcosmo as leis do Saber, da Moral e do Amor; ser Mãe e Mestre, mas sê-lo com a consciência dos que sabem a Felicidade, ponto centrípeto de todos os nossos sonhos, é flor dos caminhos dos plenamente ajustados às suas trajetórias. (BARROS, 1946, p. 49)

Publicada na revista *Estudos Educacionais*, essa palestra proferida pela professora Antonieta de Barros diferencia-se das discussões presentes no conteúdo das edições anteriores da revista. Quando sob direção do professor João Roberto Moreira, o viés religioso nas discussões realizadas no periódico não aparecia, embora em uma das publicações, a de número 5, apareça um artigo publicado pelo padre Alfredo Lutterberg, tratando sobre a educação da juventude europeia naquele período. Não quer dizer que a questão religiosa não estivesse presente no cotidiano das alunas, mas na revista o que se ressalta é o discurso científico e cívico da função dos professores, bem como da própria normalista mulher. Quando da publicação da revista de número 6, o Estado Novo já findara e novos direcionamentos estavam sendo dados à educação.

Talvez isso também ajude a explicar o afrouxamento das políticas nacionalizadoras e que estavam muito bem expressadas nos cinco primeiros números da revista (1941 a 1943). Passado o período ditatorial e estando à frente do Instituto a professora Antonieta de Barros, cogita-se uma mudança no direcionamento ou um maior aprofundamento religioso no projeto de formação das normalistas no Instituto de Educação de Florianópolis, facilitado pela aproximação de Antonieta com os ideais educacionais presentes no Colégio Coração de Jesus.

Algumas considerações

Neste texto buscamos abordar aspectos da formação docente oferecida pelo Colégio Coração de Jesus e pelo Instituto de Educação de Florianópolis nas décadas de 1930 e 1940 mediante análise de textos publicados na revista *Pétalas* e na revista *Estudos Educacionais*. A localização dessas duas revistas permitiu-nos, ao longo das últimas décadas, tecer e refletir sobre aspectos importantes acerca da formação de professores em Santa Catarina. As pesquisas realizadas inseriram-se num momento de ampliação das fontes no interior da História da Educação, no qual a imprensa pedagógica foi entendida como artefato escolar passível de análise da cultura material escolar (SOUZA, 2007).

No caso das duas instituições analisadas, podemos perceber, de forma sucinta, que distinta do perfil da revista *Pétalas*, na *Estudos Educacionais* publicaram, além de alunos/as e professores, também políticos e intelectuais de projeção nacional e internacional, os quais faziam discussões em torno dos fundamentos científicos necessários à formação docente, e/ou dos encaminhamentos políticos dados à educação no estado catarinense. Se, no Colégio Coração de Jesus, a questão em torno dos conteúdos necessários à formação de professoras parecia secundária em relação à formação na moral católica, no Instituto de Educação de Florianópolis a ênfase recaía justamente na discussão sobre a importância das chamadas “Ciências Fontes da Educação”, na qual a formação científica sólida forneceria os instrumentos necessários para a intervenção dos professores na realidade social.

Considera-se, por fim, que muitas outras pesquisas podem ser realizadas a partir dessas fontes, mostrando-se frutíferas as iniciativas de estudos que permitam analisar os artigos mediante outras indagações, ficando, assim, o desafio de contribuir para ampliação das reflexões acerca da formação de professores em terras catarinenses.

Referências

- APRESENTAÇÃO de “Estudos Educacionais”. **Estudos Educacionais**, Florianópolis: Curso Normal do Instituto de Educação, ano I, n. 1, p. 5-6, ago. 1941.
- BACHA, Otávio Munir. Como falou o orador da turma de 1943. **Estudos Educacionais**, Florianópolis: Curso Normal do Instituto de Educação, ano III, n. 5, p. 67-70, dez. 1943.
- BARROS, Antonieta de. Discurso proferido pela professora d. Antonieta de Barros, por ocasião da colação de grau das alunas-mestras de 1939, das quais foi profeta paraninfa. **Pétalas, Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus**, Florianópolis, p. 26-29, dez. 1939.
- BARROS, Antonieta de. A mulher na sua mais alta função social. **Estudos Educacionais**, Florianópolis: Curso Normal do Instituto de Educação, ano V, n. 6, p. 45-50, mar. 1946.
- BAUER, Áurea e REIS, Eusa. Reações infantis às situações sociais. **Estudos Educacionais**, Florianópolis: Curso Normal do Instituto de Educação, ano I, n. 2, p. 12-14, dez. 1941.
- BERNWARDA, Irmã. Queridas amiguinhas. **Pétalas, Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus**, Florianópolis, p. 5, dez. 1934.
- BERNWARDA, Irmã. Queridas ex-alunas. **Pétalas, Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus**, Florianópolis, p. 7-8, jul. 1933.
- CAMPOS, Cyntia Machado. As intervenções do estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na era Vargas. In: BRANGER, Ana (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1999. p. 149-166.
- CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CATANI, Denice Bárbara. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e filosofia**, Uberlândia, v. 10, n. 20, p. 115-130, jul./dez. 1996.
- COELHO JÚNIOR, Nelson Maurilio. **Relicários de um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922-1929 (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina)**. 160 p. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. **A educação dos educadores: da escola nova à escola de hoje**. Campinas: Mercado das letras, 1995.
- CUNHA, Maria Tereza Santos. “Centelhas de idealismo”: o “ser professora” nos discursos de formatura do Curso Normal: a voz das oradoras. Florianópolis, (SC) 1945-1960. In:

SCHEIBE, Leda; DAROS, Maria das Dores (orgs.). **Formação de professores em Santa Catarina**. Florianópolis: NUP/CED, 2002, p. 71-91.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Rezas, ginástica e letras: normalistas do Colégio Coração de Jesus - Florianópolis/décadas de 1920 e 1930. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). **Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. p. 199-220.

DANIEL, Leziany Silveira. **Por uma psico-sociologia educacional: a contribuição de João Roberto Moreira para o processo de constituição científica da pedagogia nos cursos de formação de professores catarinenses nos anos de 1930 e 1940**. 2003. 163 p. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DANIEL, Leziany Silveira. **João Roberto Moreira (1912-1967): itinerários para uma racionalidade ativa**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

DAROS, Maria das Dores; DANIEL, Leziany Silveira. O Curso Normal em Santa Catarina: o processo de construção de um projeto de formação de professores coadunado com os ideais de nacionalização e “cientificização” do ensino. In: ARAÚJO, José Carlos Souza et al. (orgs.). **As escolas normais no Brasil: do Império à República**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

DAROS, Maria das Dores; PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O pensamento de Alceu Amoroso Lima em um colégio católico de formação de professores em Santa Catarina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2002, Natal. **Anais [...]**. Natal: UFRN, 2002. p. 1-13.

DAROS, Maria das Dores; PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. A sociologia cristã e o pensamento de Alceu Amoroso Lima em um colégio católico de formação de professoras em Santa Catarina. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 235-267, jan./abr. 2015.

DAROS, Maria das Dores; NASCIMENTO, Carla D’ Lourdes do, DANIEL, Leziany Silveira Daniel. A sociologia na formação dos professores catarinenses nos anos de 1930 e 1940. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2000, Caxambu. **Anais**. Caxambu: [Anped], 2000. p. 1-15.

DAROS, Maria das Dores; VOLPATO, Terezinha Gasho. **Identidade social do professor: as práticas docentes numa dimensão histórico-político-social 1930-1950**. 1997. Relatório de Pesquisa (Curso de educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

DE LUCA, Tania Regina. Histórias dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 111-153.

EVANGELISTA, Olinda. **A formação do professor em nível universitário: o Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (1934-1938)**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC/ Editora da Cidade Futura, 2002.

FARIA, Alice Machado de. Discurso pela magistranda. **Pétalas, Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus**, Florianópolis, p. 59-61, dez. 1938.

KEHRIG, Maria Carolina G. A mulher que educa um filho, educa um homem, mas a que educa uma filha, educa uma família. **Pétalas, Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus**, Florianópolis, p. 5-6, dez. 1939.

LEAL, Elisabeth Juchem Machado; CUNHA, Maria Teresa Santos. **A educação da mulher: uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino**. 1991. UFSC, FAPEU, INEP, Florianópolis, 1991.

LEAL, Nilma. Psicologia - A criança e o adulto – relações entre o estudo d'uma e d' outro. **Estudos Educacionais**, Florianópolis: Curso Normal do Instituto de Educação, ano II, n. 3, p. 45-56, nov. 1942.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no país (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MOREIRA, João Roberto. Idealismo Crítico e Educação. **Estudos Educacionais**, Florianópolis: Curso Normal do Instituto de Educação, ano II, n. 3, p. 5-9, nov. 1942.

NOBREGA, Lucy. Professora – Das provas de exame realizadas em novembro. **Pétalas, Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus**, Florianópolis, p. 6, dez./1934.

OLIVEIRA, Cacilda. Recordações de uma viagem. **Pétalas, Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus**, Florianópolis, p. 27-29, dez./1935.

PÉTALAS. Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus, Florianópolis, p. 3, jul. 1933.

PISANI, Anita. Ano escolar de 1935. **Pétalas, Periódico semestral do Colégio Coração de Jesus**, Florianópolis, p. 6, dez./1935.

RAMOS, Nereu. Abrir escolas. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 28 nov. 1942. Entrevista concedida ao Jornal Correio da Manhã. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, n. 2395, ano IX, o. 52, 7 dez. 1942.

SANTA CATARINA. **Educação popular: movimento do ano letivo de 1935: da mensagem do Exmo. Sr. Dr. Nerêu Ramos, Governador do Estado, apresentada à Assembleia Legislativa em 16 de julho de 1936**. Florianópolis: Imprensa Oficial: Departamento de Educação, 1936.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-192.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. A escola normal catarinense sob a batuta do professor Orestes Guimarães. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). **Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. p. 221-252.

Recebido em: 11/05/2022
Aprovado em: 03/08/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 23 - Número 53 - Ano 2022
revistalinhas@gmail.com